



AS ESCOLAS DO HELENISMO: CINISMO, CETICISMO, ESTOICISMO E EPICURISMO

O Helenismo e as 'Filosofias de Vida'

Decorrente de um período de intensas transformações da sociedade grega, anexação de territórios ao Império Macedônio e, posteriormente, ao Império Romano, a filosofia sofre inúmeras transformações, a ponto de torna-la menos política, menos prática e, acima de tudo mais subjetiva. Referimo-nos a esse período de transformações decorrentes do Pensamento Helenístico, entre os séc. III e I a.C.

De fato, a maior mudança decorrente desse período recaiu sobre a noção do cidadão. Esse indivíduo agora destituído de suas atividades políticas, não tendo mais a Àgora como centro de referência, não objetivando as decisões políticas, os debates, encontra-se agora diluído num Estado sem fronteiras. Agora o indivíduo divide as ruas com escravos, profetas, videntes, migrantes. O conceito de homem, base do homem-cidadão, livre, pertencente a polis, passa a ser equiparada a condição de súdito, quase um escravo, bárbaro, membro de um centro que irradia a cultura, uma espécie de Cosmópolis.

Essa nova relação cultural interfere diretamente nas formas de enxergar a arte, a religião, a economia e principalmente a visão do homem. Reduzido ao abstrato e ao vazio, o homem agora irá renovar a filosofia, porém, com outros objetivos, com finalidades distintas e destituídas de elementos políticos e voltando-se ao sujeito, a vida interior, à busca pelos remédios que confortem a alma. Tida como uma espécie de Filosofia de Vida, o Helenismo inaugura uma filosofia voltada ao estilo de vida, ou uma arte de viver.

É nesse sentido, que convergem características em comum nesse período filosófico. Apresenta-se a *autarquia*, como uma condição de autossuficiência do indivíduo, inclusive perante as coisas materiais, um desapego das coisas e um afastamento das coisas mundanas, que irão favorecer uma visão de mundo mais religiosa. Em um segundo aspecto, busca-se a *apatia* ou a *ataraxia como um meio para manter a própria tranquilidade*. É, nesse sentido, que a filosofia torna-se menos teórica e mais prática. Em todo esse período designado de Helenístico, a existência de Escolas será perceptível, à medida que todas elas apresentam particularidades em suas atribuições. São elas as Escolas do Helenismo: o Cinismo, o Ceticismo, o Estoicismo e o Epicurismo ou Hedonismo.

Como escolas filosóficas, o helenismo busca se classificar a partir de pensadores que foram considerados importantes para o desenvolvimento de correntes ou pensamentos, que muito raramente se constituíram enquanto Escolas



de fato, como a Academia ou Liceu. Mais destacadas enquanto grupo de ideias ou pensadores, o movimento dos Cínicos tomou grandes proporções na cidade de Atenas. Inspirada na palavra grega *kynós*, que significa cachorro, seu mais conhecido representante foi Diógenes. Defendendo um retorno a vida simples, aos básicos instintos humanos, conta-se que sua imagem foi decisiva para o movimento: tinha por casa um tonel, alimentava-se de restos de alimentos que lhe eram deixados e que vagava nu com uma lamparina procurando o verdadeiro homem. Foi um crítico ferrenho das instituições e do mundo de aparência que vivia os homens. Era crítico da família, das leis, da pólis, do uso de roupas e da ostentação dos ricos. Afirmava que a única coisa a se fazer na casa de um rico era cuspir em sua cara. A verdadeira finalidade do homem, segundo ele, é a sua natureza animal e não racional. Em muitos momentos foi flagrado fazendo suas necessidades em público e de não agir conforme as convenções sociais. É o único que poderia ser considerado livre das instituições sociais do seu tempo até que um homem que perambulava pelo deserto pregando a caridade e a humildade, virá para defender o retorno a vida simples sem preocupações mundanas.

Os cínicos eram filósofos que buscavam uma vida desregrada, em harmonia com os instintos naturais. Rejeitavam bens materiais e enalteciam valores associados a virtudes morais. A verdadeira felicidade estava na liberdade, inclusive condenando o amor ao absurdo, pois implica a responsabilidade da felicidade do outro. Por esse motivo, o apego às coisas materiais ou ao luxo serem consideradas coisas tão passageiras. Para tanto, deveria se alcançar a apatia, uma ausência de sentimentos ou de sofrimentos como a dor ou a morte.

Apesar de cronologicamente o cinismo não ser a primeira escola do Helenismo, ela foi fundamental para influenciar outros grandes movimentos precursores de ideias. E com Pirro que a escola dos cétricos irá marcar toda a história da Filosofia e o gosto por questões chamadas de *aporéticas*, ou seja, sem soluções. Se o conhecimento torna-se impossível de ser alcançado, dada a multiplicidade das formas, deve-se suspender os juízos e calar-se (*afasia*). Esse movimento, nesse aspecto, torna-se busca pelo conhecer. O filósofo, no entanto, não se cala. Ele fala e busca, investiga, analisa o conhecimento. Ele busca, pois não deseja abandonar o conhecimento totalmente, mas busca alcançar a serenidade e atingir a felicidade. Se há problemas que não podem ser solucionados, os cétricos defendem que isso não deve provocar a perturbação da alma, mantendo o indivíduo inacessível aos problemas impostos pela realidade, um estado que se designa de *ataraxia*. Apesar do radicalismo dos movimentos cétricos, esse era o pressuposto das filosofias baseadas no helenismo.



De outro lado das influências helênicas, surge o Estoicismo como a primeira escola de origem judaica, já que vai fixar-se na cidade de Atenas localizado no pórtico da cidade, pois eram todos estrangeiros os membros do estoicismo (os filósofos do portão). A influência dos Estoicos irá torna-se a mais importante de todas, já que conquista adeptos como Sêneca, conselheiro de Nero, e Marco Aurélio, o Imperador Filósofo.

No entanto, Zenão é o seu grande fundador. Para ele, a razão é determinante nas impressões e nos sentidos. Ela é capaz de definir as decisões do indivíduo no que se relaciona a escolhas. Tudo está, segundo a lógica dos Estóicos, partindo da ideia de um sistema de compreensão das coisas, onde tudo se relaciona, como um organismo vivo. Porém, o indivíduo nem sempre consegue, dada sua capacidade racional, visualizar o todo. Assumindo assim a existência de coisas boas ou más, o indivíduo é impelido a agir de acordo com a sua virtude do mérito, escolhendo por determinadas situações. A grande inovação do pensamento de Zenão é que não há controle por parte de nossas ações, ou seja, não há destino ou sorte; o indivíduo não decide ou controla todas as suas ações. Portanto, como o indivíduo não obtém controle sobre suas ações não há como evita-los e devemos viver segundo a razão. Assim, o que se pode controlar é a aceitação do sofrimento, o resto que não é controlado não deve me perturbar. Interessante, não? Perceba que o objetivo dos estoicos é estabelecer um critério de aceitação da dor, do sofrimento, algo que irá coincidir e muito com o padrão de desenvolvimento da filosofia cristã, a aceitação com resignação da vida e do preparo para a morte.

Os postulados de Epicuro, por outro lado, irão buscar outras referências para atingirmos o estado de ataraxia da alma. E a resposta para esses objetivos encontra-se na felicidade, no *hédon*, no corpo, no material, no ser que morre porque é corpo, porque se não o fosse não morreria. Enquanto para os Estoicos a verdadeira felicidade consiste em viver de acordo com uma ordem universal, incontrolável aos nossos olhos e permanecendo indiferente aos males e indiferente as paixões, o Epicurismo valoriza a privação de dor para alcance do prazer.

Para Epicuro, a felicidade é a satisfação dos desejos físicos, mas calma, não é qualquer desejo físico como a liberdade sexual. O que ele representa é que se deve buscar a felicidade mais duradoura, mais estável, já que o prazer momentâneo possa causar dor.

Ele sugere que nesse sentido, o prazer mais moderado, de acordo com as necessidades de alma, sem exagero é a amizade. Ela é a única capaz de reduzir a nossa condição de solidão e, por ser material, a única capaz de reproduzir o prazer através de uma realidade física. Essa teoria, portanto, *sensista*, ou seja, é das sensações que se produz conhecimento. É dentre os prazeres que a nossa razão será



capaz de escolher aqueles que vão nos livrar do peso, da angústia. Como solução para os remédios da nossa alma, Epicuro faz uma sugestão, alcançarmos o *tetra-pharmakon*, os 4 remédios para atingirmos a felicidade: não acreditar nos deuses; não ter medo da morte; o prazer está disponível; o mal dura pouco.

É dentro dessa perspectiva, que as últimas questões do ENEM em Ciências Humanas buscaram relacionar e posicionar você, estudante, em relação ao contexto da filosofia antiga. Relacionando, analisando e identificando diferentes teorias que colocavam como centro o indivíduo grego, aquele antigo cidadão que se vê desesperado e desamparado por uma filosofia que não resolve mais os seus problemas, como se ele gritasse por um apelo mítico que retornasse a condição das soluções que perturbam a alma do homem. Esse referencial teórico só será organizado e classificado a partir do período de desenvolvimento das Filosofias Cristãs. O neo-platonismo é a grande corrente de pensamento de adaptação do Platonismo aos ideais da Igreja Católica, que surgia como seita, como instituição mas carecia de dogmas e prerrogativas que sustentassem a religiosidade. Plotino, filósofo Romano do séc. III d.C., permite um redescobrimento da existência de mundos separados, o sensível e o inteligível, para sistematizar uma forma de pensamento que relacionamos nas aulas a partir do UNO. Este elemento é o único capaz de explicar, sem palavras, através da transcendência do corpo e que alcance um estado de Êxtase para o conforto dos problemas mundanos. E é apenas até aqui que nos interessa o contexto do pensamento antigo e que será apenas rompido e superado na Modernidade, com o advento da Ciência.